

Bonança e borrasca – Dez anos que encantaram e desiludiram o consumidor brasileiro¹

The calm, the squall - 10 years that delighted and disappointed the Brazilian costumer

Alessandro Martins Alves*, Thiago Graça Ramos, Juliana Macedo

Ipsos Brasil, São Paulo, SP, Brasil

Dorival Soares da Mata-Machado

Instituto Data Popular, São Paulo, SP, Brasil

RESUMO

A última década foi um período de grandes transformações políticas e econômicas, que trouxe mudanças significativas que impactaram diretamente no dia a dia da população brasileira. Analisar esse período é imprescindível para entender o hoje e tomar as melhores decisões amanhã. A partir de dados históricos que compõem o Índice Nacional de Confiança (pesquisa de confiança do consumidor realizada pela Ipsos e divulgada pela Associação Comercial de São Paulo) é feita uma análise de como a população brasileira percebeu o rumo da economia nos últimos 10 anos - entre 2005 e 2015. A análise parte de uma segmentação de dados e compara a evolução dos perfis encontrados com outros indicadores econômicos e mudanças políticas. O estudo auxiliará no entendimento de como uma população que, em 2006 enxergava o Brasil como sendo o país do futuro vê, hoje, um país sem futuro.

PALAVRAS-CHAVE: Confiança do consumidor; Tendências econômicas; Crise política; Segmentação.

ABSTRACT

The last decade had been a period of great political and economic revolutions that brought significant changes and directly impacted the everyday of the Brazilian population. Analyzing such period is essential to understand the current state of things and make better decisions for tomorrow. Using historical data from the INC – national confidence index (consumer confidence survey conducted by Ipsos and published by the ACSP - São Paulo Chamber of Commerce) it is implemented an analysis of how Brazilians perceived economy trends over the past 10 years - between 2005 and 2015. This analysis starts with a segmentation study and compare the profile progress with other economic indicators and political changes. The study aims to help the understanding of how a population that in 2006 saw Brazil as the country of the future, nowadays, see Brazil as a country without a future.

KEYWORDS: Consumer confidence; Economic trends; Political crisis; Segmentation.

Submissão: 15 junho 2016

Aprovação: 14 dezembro 2016

*Alessandro Martins Alves

Doutorado em Engenharia de Produção pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Diretor de Produto na Ipsos Brasil. (CEP 03140-020 - Vila Prudente, São Paulo, SP, Brasil).

E-mail: alessandro.alves@ipsos.com

Endereço: Rua Lydia Ferrari Magnoli, 108, 03140-020, Vila Prudente, São Paulo, SP, Brasil.

Dorival Soares da Mata-Machado

Especialista em Demografia pelo Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar) da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais. Sócio-gerente do Instituto Data Popular. Sócio-presidente da Sociométrica Consultoria.

E-mail: dori@sociometrica.com.br

Thiago Graça Ramos

Doutor em Engenharia de Produção pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Gerente de Produto na Ipsos Brasil.

E-mail: thiago.ramos@ipsos.com

Juliana Macedo

Mestre em Engenharia Elétrica pela Pontifícia Universidade Católica (PUC-RJ). Analista Pleno de Produto na Ipsos Brasil.

E-mail: juliana.macedo@ipsos.com

1 INTRODUÇÃO

Um observador desavisado que chegasse ao Brasil de 2015 encontraria um povo pessimista, preocupado com economia, com baixas expectativas, avesso ao risco e com medo de perder seu emprego, e assumiria que este era o padrão brasileiro. Este mesmo observador se estarreceria ao saber que isto era exatamente o oposto do país que se formava uma década antes, em 2006, pois, ao fim do 1º mandato Lula, a economia era um sucesso, as expectativas eram enormes e as pessoas largavam seus empregos para virar empreendedores.

Os últimos 10 anos foram um período de grandes transformações políticas e econômicas, que impactaram diretamente na vida dos brasileiros. Entender o que aconteceu neste período é fundamental para traçar um retrato do que vivemos hoje e desenhar uma perspectiva de futuro.

Relacionando a confiança do consumidor, com a percepção sobre o rumo do país e a avaliação do Governo, o presente artigo acompanha a mudança de consciência da população com relação à situação econômica, trazendo um pouco de luz ao entendimento de como uma mesma população que, em 2006 acreditava que o Brasil era o “país do futuro”, enxerga hoje um país sem futuro.

Para entender melhor o que aconteceu com o país durante esse período, será utilizado como base um estudo conduzido pela Ipsos Public Affairs nos últimos 10 anos (Ipsos Pulso Brasil, 2015), que acompanhou mensalmente a opinião do consumidor-cidadão e acumulou informações precisas e imparciais sobre as grandes questões que influenciaram o rumo do país.

Além de informações políticas, econômicas e sociais, o estudo Ipsos Pulso Brasil (2015) serve como base para cálculo do Índice Nacional de Confiança, índice de confiança do consumidor divulgado mensalmente pela Associação Comercial de São Paulo (ACSP) que é composto de 10 perguntas sobre a percepção atual e perspectiva futura sobre o cenário econômico nacional, a situação financeira pessoal, as perspectivas de investimento e emprego.

Tais perguntas foram a semente utilizada para uma segmentação que, partindo de 2006, acompanhou por meio da replicação algorítmica a evolução dos perfis até 2015, oferecendo uma forma simplificada de análise dos seus resultados ao longo dos últimos 10 anos.

2 OBJETIVO

O objetivo do presente estudo é entender como a população brasileira percebeu a mudança no rumo da economia nos últimos 10 anos, período compreendido entre 2005 e 2015, para tanto, foi feita uma segmentação de dados e seu resultado comparado a outros dados econômicos e políticos.

A segmentação utilizou perguntas do Índice Nacional de Confiança Ipsos/ACSP e, por meio de uma análise de *clusters* buscou organizar as pessoas em função da confiança na economia do país e sua expectativa de futuro. A análise foi feita nos últimos 6 meses do ano de 2006, período escolhido em função da eleição para o segundo mandato do então Presidente Lula, em contraposição assim, aos últimos 6 meses de 2014, ano da reeleição da então Presidente Dilma.

A partir do resultado desta primeira segmentação, foi gerado um algoritmo de classificação posteriormente aplicado no restante da amostra – 110.400 entrevistas realizadas em 2005 e primeiro semestre de 2006, além das entrevistas realizadas no período compreendido entre 2007 e 2015, classificando todo os entrevistados nos mesmos segmentos, tornando possível uma análise transversal e uma avaliação da sua evolução nos últimos 10 anos.

3 FATOS POLÍTICOS E ECONÔMICOS QUE MARCARAM OS ÚLTIMOS 10 ANOS DO BRASIL (2005-2015)

O ano de 2005 foi marcado pelo “Mensalão”, que foi uma investigação envolvendo vários partidos políticos da base aliada do governo.

Desde que veio à tona, o chamado “Mensalão” passou a ser manchete de jornal até o julgamento final, em 2012, quando o término das investigações trouxe a confirmação de um acordo de

pagamentos mensais a partidos políticos em troca de apoio político ao governo. Nesse esquema foram envolvidos diversos atores, desde deputados de diferentes siglas até empresários e executivos do Banco Rural, instituição que facilitou a logística dos pagamentos entre os dois outros grupos. O julgamento do mensalão ainda é considerado histórico, tanto pela condenação de pessoas de altos cargos públicos, como pela condenação de membros da mais alta classe social, em razão de crimes que, até então, não condenavam esse grupo de pessoas.

O caso parece ter contribuído para a redução da sensação de impunidade e para o aumento da intolerância à corrupção no país. Miguel e Coutinho (2007) fizeram uma avaliação destes fatos em comparação com as publicações em jornais, telejornais e revistas.

Em 2007, o Brasil passou por uma crise aeroviária sem precedentes, onde a mesma população que acabara de ter acesso a novas oportunidades de transitar pelo Brasil e pelo mundo, passou a sofrer com a falta de estrutura e os muitos gargalos nos aeroportos brasileiros.

Segundo Barros, Ramos, & Soares de Mello (2010), que coletaram dados no período entre 2007 e 2010 e avaliaram diversas companhias aéreas, mostrando quais eram as mais eficientes em termos de atraso, pôde ser percebido um impacto direto na vida das pessoas.

Em 2008, o mundo como um todo sofreu com a crise imobiliária americana – especificamente, a quebra do Lehman Brothers fez com que a instabilidade chegasse em todos os países. O Brasil experimentou um momento de incerteza, mas que não se estendeu por muito tempo, tanto que, no final de 2009, o anúncio da cidade sede dos jogos olímpicos de 2016 foi recebido com festa em todo o país. O fato da cidade brasileira ser a primeira da América Latina a sediar esse evento, e a perspectiva de novos investimentos, contribuiu para o aumento do otimismo em relação ao futuro próximo.

Em 2010 o Brasil observou um crescimento do PIB em torno 7.3%, o 5º maior crescimento do PIB entre o G20, atrás apenas de Argentina, Turquia, Índia e China. Novamente, este fato e toda sua repercussão trouxe grandes esperanças e expectativas para a população brasileira.

Em 2012, ainda em consequência do aumento do PIB, o Brasil teve o maior aumento do salário mínimo da década (a correção do salário mínimo considerou a soma da variação do PIB de 2010 com a inflação de 2012). As altas expectativas da população em relação ao futuro do país pareciam se confirmar, uma vez que esta regra permitiu ganhos muito maiores que a inflação observada e experimentada naquele momento.

Em 2013, surgem os primeiros indícios de que haviam problemas sendo negligenciados, quando uma manifestação contra o aumento das tarifas de ônibus em São Paulo detona a maior manifestação popular desde o movimento pela redemocratização do país.

Todos estes fatos contribuíram para que, em outubro de 2014, a eleição para a Presidência da República terminasse, ainda que em disputa acirrada, com a reeleição da Presidente Dilma.

Em 2014 vem à tona outra investigação da Polícia Federal, que tinha como objetivo investigar fraudes em licitações de contratos de empreiteiras com a Petrobras, denominada operação Lava-jato. A apuração de prejuízos relativos à corrupção (perdas inicialmente estimadas em R\$ 6,1 bilhões), somados à queda do preço do barril do petróleo (Brent), desencadeou um processo de desvalorização das ações da estatal.

A chamada crise na Petrobras, empresa fundamental na percepção positiva do Brasil como “país do futuro”, se contrasta com o otimismo dos anos anteriores, quando foi anunciada a descoberta do pré-sal, uma pretensa autossuficiência na produção nacional.

A partir da eleição dividida e do desmonte da estória da Petrobras pela Lava-jato, o segundo mandato de Dilma já se inicia em uma polarização - parte dos brasileiros opta por continuar apostando em Dilma para resolver as questões do país, de outro lado, parte dos eleitores sente necessidade de mudança em função de uma aposta na piora da situação do país e um questionamento da capacidade de gestão da presidente.

A população que, em 2013, já havia entendido sua força quando conseguiu reverter o aumento das tarifas do transporte público, deu início a uma onda de protestos. O movimento que novamente começa em São Paulo, se espalha rapidamente por outras capitais. Milhares de pessoas vão às ruas levantando diferentes questionamentos em relação à situação do país, inclusive sobre os gastos

públicos. Já no ano seguinte à sua reeleição, Dilma teve de lidar com o aumento da inflação, desemprego crescente e a conseqüente repercussão no acirramento das manifestações - a situação econômica exigiu cortes de gastos.

Fato digno de nota é o aumento do número de jovens cursando ensino superior; em 2005 apenas 11% cursavam ensino superior, em 2015 esse percentual passa para 18%. Esse aumento da escolaridade da população faz com que as pessoas sejam mais críticas e observadoras às desigualdades e problemas sociais. A Tabela 1 traz as informações da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD).

Tabela 1 - Número de jovens cursando ensino superior

Item	2005	2015
População 18 a 24 anos (em 1000)	24.580	22.432
Frequente curso Superior 18 a 24 anos (em 1000)	2.749	3.991
Percentual (%)	11%	18%

Fonte: PNAD, 2005 e 2015.

As ações tomadas pelo Governo não foram efetivas para a mudança de percepção das agências de classificação de risco que, duvidando da eficácia das medidas de ajuste fiscal, retiraram o grau de investimento no Brasil, o que gerou impactos no mercado financeiro e acirrou ainda mais a percepção de crise.

Nesse cenário, o PMBD, partido do Vice-Presidente Michel Temer e do Presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha, rompe com o governo. Em resposta, a bancada do PT que apoia a abertura do processo de cassação do mandato de Eduardo Cunha, acata um dos vários pedidos de *impeachment* contra a Presidente em tramitação na casa.

A crise político-econômica é determinante para confirmação do afastamento da presidente, desnudando para o mundo que o país não vivia uma “marolinha”, mas sim um “*tsunami*” com repercussão internacional².

Gonçalves (2014) fez um balanço crítico do processo de desenvolvimento econômico do Brasil após 2003 e concluiu que o Modelo Liberal Periférico (MLP), adotado no Governo de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002) foi consolidado nos Governos Lula (Luís Inácio Lula da Silva) e Dilma Rousseff, porém, esse legado apresentou um fraco desempenho se comparado aos padrões da economia mundial.

Apesar de todos os problemas que ocorreram de 2005 a 2015, Teixeira e Pinto (2015) concluíram que, as mudanças recentes no bloco no poder, entre o final do Governo Lula e início do Governo Dilma, conferiram maior autonomia ao Estado, especialmente diante da fração bancário-financeira, até então hegemônica, o que abre espaço para a retomada das políticas de desenvolvimento.

4 REVISÃO DE LITERATURA

O uso de segmentação para entender o comportamento do consumidor e suas atitudes em relação à política é bastante extenso. O presente artigo busca apresentar alguns exemplos de como a segmentação pode ser utilizada para agrupar pessoas com característica de consumo e/ou humor parecidos.

Alfinito (2009) investigou a escolha do consumidor por meio do estudo de axiomas sociais e valores humanos na predição do comportamento social especificamente e aplicou a análise de *cluster* para entender agrupamentos em instituições de ensino superior.

González e Bello (2002) concluíram que, as mudanças rápidas e abrangentes que a sociedade atual está passando estão levando a uma personalização crescente nos padrões de comportamento do consumidor, mudanças cada vez menos explicadas por critérios sociodemográficos e econômicos. Este efeito parece ser particularmente bem refletido no mercado de turismo, caracterizado por sua heterogeneidade, na qual rapidamente surgiu a necessidade de incluir outras informações, como o

estilo de vida, de forma a segmentar de maneira mais adequada e permitindo maior conhecimento das variáveis que influenciam os comportamentos de turistas tornando-os identificáveis às empresas, podendo assim, melhor satisfazer suas necessidades e desejos, oferecendo os serviços de forma mais eficiente para todos.

Motta (2009) verificou se a combinação das variáveis atitudinais e atributos de marca ecologicamente corretos, junto ao mercado de bens de consumo, pode ser utilizada como base para a segmentação de mercado. A análise fatorial conseguiu reduzir o conjunto de variáveis a dois fatores e explicar parte da relação.

Bacha, Strehlau e Schaun (2011) trabalharam com o objetivo de propor uma segmentação dos consumidores de baixa renda em relação ao consumo consciente em São Paulo. A análise de agrupamentos indicou a existência de quatro segmentos: responsáveis saudáveis, ambientalmente educados, desinformados e conscientes de fachada, cada qual com características diferenciadas e bem acionáveis.

Ramos, Machado e Cordeiro (2015) trabalharam com os dados da Prova Brasil e segmentaram o desempenho dos alunos das escolas públicas brasileiras, identificando os grupos que tinham melhor e pior desempenho ao adicionaram dados externos para validar as análises.

5 METODOLOGIA

O presente artigo trabalhou com informações do projeto Pulso Brasil para entender o humor da população em relação à situação econômica do país, assim como sua perspectiva para o futuro. A segmentação foi escolhida como técnica para encontrar agrupamentos de pessoas com perfil parecido.

O objetivo da classificação não-supervisionada ou agrupamento, é determinar uma estrutura de grupos que se encaixam com os dados disponíveis, ou seja, classificar objetos de acordo com o agrupamento natural de dados em si. Mesmo quando, como neste caso, pouco ou quase nada se sabe sobre a estrutura, os grupos e o número de grupos existentes.

A estrutura deve reunir objetos com características semelhantes no mesmo grupo, o que implica que o grau de associação é alto entre membros da mesma classe e baixa entre elementos de diferentes categorias. Os grupos devem exibir homogeneidade interna e heterogeneidade externa.

A ideia é a de encontrar uma partição de N objetos em um número de K grupos que satisfazem as premissas básicas: a coesão interna e o isolamento de aglomerados.

A IBM, a fim de melhorar a classificação dos indivíduos e ajudar a criar grupos, programou em seu *software*, uma técnica que é baseada em três principais vantagens em comparação com técnicas como o k-médias e componentes principais:

1. Lidando com as duas variáveis contínuas e categóricas, alargando a distância medida com base em modelo utilizado por Banfield e Raftery (1993) para situações com duas variáveis contínuas e categóricas;
2. Usando uma abordagem baseada em grupos de dois passos semelhantes para Birch (Zhang, 1996);
3. Fornecendo a capacidade de encontrar o número ideal de agrupamentos automaticamente. O método começou a usar uma abordagem de agrupamento sequencial (Theodoridis & Koutroumbas, 1998), ou seja, o método irá selecionar o melhor conjunto de grupos e implementar o procedimento por meio da construção de uma árvore de recursos de *cluster* modificado (CF) (Zhang, 1996). O CF-árvore consiste em níveis de nós, em que cada nó contém um número de entradas. Uma entrada de folha (uma entrada no nó folha) representa um sub-*cluster* que você deseja. Os nós não-folha e suas entradas servem para orientar um novo recorde em um nó folha correto rapidamente. A segunda etapa utiliza subgrupos resultantes da primeira etapa como entrada para, em seguida agrupá-los novamente para o número desejado de *clusters*.

Além desta análise de *cluster* em dois estágios, também foi utilizada uma análise discriminante que tem como objetivo, descobrir as ligações que existem entre um caráter qualitativo a ser explicado e um conjunto de características quantitativas explicativas, ou seja, criar um algoritmo capaz de classificar novos elementos nos segmentos previamente encontrados a partir da aplicação de algumas perguntas classificatórias¹.

6 DADOS DO PROJETO

A base do presente artigo foi uma pesquisa realizada pela Ipsos Public Affairs, chamada de Ipsos Pulso Brasil (2015), com entrevistas mensais em mais de 70 municípios em todas as regiões do Brasil, em 2014 houve uma alteração para 1200 entrevistas mensais, conforme mostra a Figura 1.

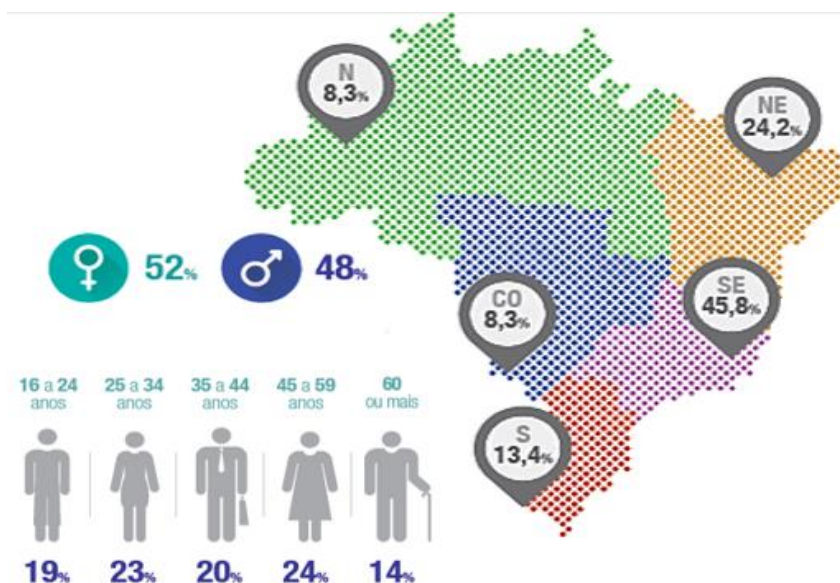


Figura 1 – Distribuição de sexo, idade e regiões dos dados
Fonte: Ipsos Pulso Brasil, 2015.

O questionário aplicado na pesquisa Ipsos Pulso Brasil (2015) é bastante extenso e trata de diversos temas como a confiança da população na economia, na política, assim como uma pequena pesquisa de orçamento familiar, e posse de itens.

Para o presente estudo foi selecionado o bloco do Índice Nacional de Confiança, que é calculado a partir das perguntas da Figura 2 e contempla perguntas sobre quatro grandes temas:

1. Situação econômica do país - Atual e futura (6 meses);
2. Situação econômica pessoal - Atual e perspectiva para o futuro (6 meses);
3. Pré-disposição ao investimento - Curto e longo prazo;
4. Segurança no emprego – Atual e próximos 6 meses.

¹ Bourroche e Saporta (1980) explicam que cada indivíduo pode fazer parte de classes distintas de q (sendo $q \geq 2$) e, por meio da análise discriminante, pode-se encontrar quais as principais características que este grupo representa.

Pergunta	Escala	
	1	7
Faça uma avaliação da situação da economia na região onde o(a) Sr.(a) mora, dando uma nota de 1 a 7. Dê nota 7 se a economia da região onde o(a) Sr.(a) mora estiver muito forte hoje e nota 1 se a economia estiver muito fraca hoje.	Muito fraca	Muito forte
Pensando nos próximos 6 meses, O(a) sr(a) acha que a economia na região onde o(a) Sr.(a) mora vai ficar muito mais forte, um pouco mais forte, mais ou menos igual, um pouco mais fraca ou muito mais fraca do que está hoje?	Muito mais forte	Muito mais fraca
Faça uma avaliação da sua situação financeira pessoal, dando uma nota de 1 a 7. Dê nota 7 se a sua situação financeira pessoal estiver muito boa hoje e nota 1 se a sua situação financeira pessoal estiver muito ruim hoje.	Muito ruim	Muito boa
Pensando nos próximos 6 meses, o(a) Sr.(a) acha que a sua situação financeira pessoal vai ficar muito melhor, um pouco melhor, mais ou menos igual, um pouco pior ou muito pior do que está hoje?	Muito melhor	Muito pior
Comparando com 6 meses atrás, o(a) Sr.(a) diria que HOJE se sente mais à vontade ou menos à vontade para fazer uma compra maior como um carro ou uma casa? (SE MAIS À VONTADE: Muito mais à vontade ou só um pouco mais à vontade?) (SE MENOS À VONTADE: Muito menos à vontade ou um pouco menos à vontade).	Muito mais à vontade	Muito menos à vontade
Comparando com 6 meses atrás, o(a) Sr.(a) diria que HOJE se sente mais à vontade ou menos à vontade para comprar outras coisas para sua casa, como uma geladeira ou um fogão? (SE MAIS À VONTADE: Muito mais à vontade ou só um pouco mais à vontade?) (SE MENOS À VONTADE: Muito menos à vontade ou um pouco menos à vontade).	Muito mais à vontade	Muito menos à vontade
Comparando com 6 meses atrás, HOJE o(a) Sr.(a) se sente mais confiante ou menos confiante na sua capacidade de investir no futuro, incluindo sua capacidade de economizar para quando se aposentar ou para pagar a educação de seus filhos? (SE MAIS CONFIANTE: Muito mais confiante ou só um pouco mais confiante?) (SE MENOS CONFIANTE: Muito menos confiante ou um pouco menos confiante).	Muito mais confiante	Muito menos confiante
Comparando com 6 meses atrás, HOJE o(a) Sr.(a) diria que está mais confiante ou menos confiante no que se refere à segurança do seu emprego, do emprego de outras pessoas da sua família ou de outras pessoas que o(a) Sr.(a) conhece pessoalmente? (SE MAIS CONFIANTE: Muito mais confiante ou só um pouco mais confiante?) (SE MENOS CONFIANTE: Muito menos confiante ou um pouco menos confiante).	Muito mais confiante	Muito menos confiante
Pensando nos últimos 6 meses, o(a) Sr.(a), alguém da sua família ou alguém que o(a) Sr.(a) conheça pessoalmente, perdeu o emprego por causa das condições da economia? Aproximadamente quantas pessoas?	1 Sim	2 Não
Agora, pensando nos próximos 6 meses, qual é a chance que o(a) Sr.(a), alguém da sua família ou alguém que o(a) Sr.(a) conhece pessoalmente venha a perder o emprego por causa das condições da economia? Muito grande, um pouco grande, média, um pouco pequena ou muito pequena?	1 Muito grande	2 Muito pequena

Figura 2 - Perguntas e escalas utilizadas na segmentação

7 ANÁLISE DE RESULTADOS

Para o estudo de segmentação, foram utilizados para a análise os últimos 6 meses do ano de 2006 (6.000 casos), período que politicamente coincide com o cenário de reeleição do ano de 2014, momento em que fizemos a primeira análise de resultados. Para esta análise foi utilizada o Two-Step Cluster (TSC). O TSC é uma técnica de agrupamento que permite o uso de variáveis contínuas e discretas sem haver perda na qualidade da segmentação.

A definição do número de segmentos a serem utilizados deve levar em consideração tanto características estatísticas quanto interpretação de resultados. Do ponto de vista estatístico, foi utilizada a estatística Schwarz's Bayesian Criterion (BIC). Este critério é calculado a partir da fórmula:

$$BIC = -2\ln f(y|\hat{\theta}_k) + K \ln n$$

Onde:

n: total de avaliações;

K: número de grupos;

$f(y|\hat{\theta}_k)$: valor da função de verossimilhança para cada um dos K segmentos escolhidos estimando-se todos os parâmetros do modelo.

A forma de classificar a melhor quantidade de grupos é verificando o menor valor possível para a Estatística BIC. A Tabela 2 apresenta as informações da estatística BIC para soluções com 2 a 10 segmentos.

Tabela 2 - Estatística BIC para cada número de grupos

Número de clusters	Schwarz's Bayesian Critério (BIC)	Mudança BIC (a)	Relação de alterações BIC (b)	Relação de medidas de distância (c)
1	41758			
2	22197	-19561	1	4
3	17655	-4542	0	2
4	11413	-2243	0	1
5	11652	-2261	1	2
6	12064	-2488	1	2
7	13808	-2756	1	2
8	14053	-2766	1	2
9	14504	-2849	1	2
10	15042	-2962	1	2

Vale ressaltar que o menor valor para o critério de Schwarz's é encontrado na solução de quatro segmentos, com 11413.

Após a determinação dos grupos, foi utilizada uma técnica de análise discriminante para classificação de todos os outros entrevistados do banco de dados (110.400 casos) e observar como se distribuem os grupos durante os 10 anos da pesquisa. Com isso se acompanha a migração dos entrevistados entre os grupos e a mudança de humor de uma forma geral.

Entre as opções do modelo, foi escolhida a opção com quatro segmentos, solução que melhor explicou o comportamento da população tanto na perspectiva do resultado político eleitoral, quanto na perspectiva dos pilares da confiança do consumidor.

Os quatro segmentos encontrados foram chamados de: pessimistas, desesperançosos, confortáveis e otimistas, conforme mostra a Figura 3.

Pessimistas:	Pessoas que acham que a situação da economia e pessoal estão ruins e não veem perspectiva de melhora.
Desesperançosos:	Pessoas que não estão confiantes no futuro. Acham que a situação da economia está razoavelmente boa, mas a sua situação pessoal não.
Confortáveis:	Pessoas que estão numa situação confortável atualmente. Acreditam que a situação permanecerá igual ou um pouco melhor no futuro próximo.
Otimistas:	Pessoas que acham que a situação da economia e pessoal estão boas. Estão confiantes na melhora.

Figura 3 – Segmentos encontrados

A Figura 4 traz o tamanho de cada um dos segmentos no ano de 2006, quando havia um equilíbrio entre os segmentos **pessimistas** e **otimistas**.

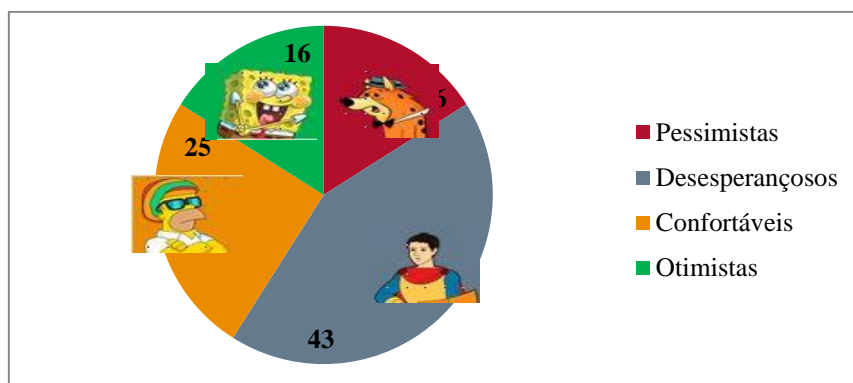


Figura 4 – Tamanho dos segmentos na população brasileira no ano de 2006

Após a caracterização dos segmentos com base nos dados de 2006, foi feita uma classificação dos entrevistados dos demais anos que, além de confirmar a consistência do modelo, mostrou que os segmentos se mantiveram estatisticamente parecidos ao longo dos últimos 10 anos. Antes de se fazer o algoritmo de classificação, o banco de dados foi dividido em dois grupos: um grupo (com 70% dos dados) em que seria gerado o algoritmo de classificação e outro grupo (com 30% dos dados) em que o modelo seria testado e sua eficiência verificada. O acerto do algoritmo classificador pode ser visto na Tabela 3, onde compara-se o segmento original (encontrado no modelo de segmentação) com o segmento final predito pelo classificador.

Tabela 3 - Segmentos Originais x Segmentos Classificador

		Segmento original				Total
		1	2	3	4	
Segmento predito	1	663	25	56	32	826
	2	28	390	2	8	418
	3	35	17	293	17	352
	4	48	18	3	165	204
Total		774	450	354	222	1800

Pela Tabela 3 percebe-se que os 30% utilizados para classificar os segmentos resultaram em um acerto de 83.9% (1511/1800), esse valor é a soma da diagonal principal. Além desta análise, faz-se necessário observar o acerto individual de cada segmento, por exemplo, o segmento 1 teve um acerto de 85.7%, segmento 2 de 86.7%, segmento 3 de 82.8% e, por fim, o segmento 4 com 74.3%, onde não houve prejuízo no acerto para um segmento em particular.

Vale ressaltar que, ao final de 2014, observa-se uma distribuição bastante parecida com a de 2005, ou seja, utilizando-se o algoritmo da segmentação de 2006 foram encontrados grupos praticamente iguais em 2014, reforçando a teoria de “década perdida”, ao menos no nível perceptual.

Este resultado é ainda mais desconcertante, quando lembramos que o Brasil de 2006 é um período de incerteza e o que o Brasil de 2014 é um período de decepção. Entre 2006 e 2014, o país saiu da incerteza para a bonança e da bonança para a borrasca.

A evolução dos segmentos ao longo dos 10 anos é apresentada na Figura 5.

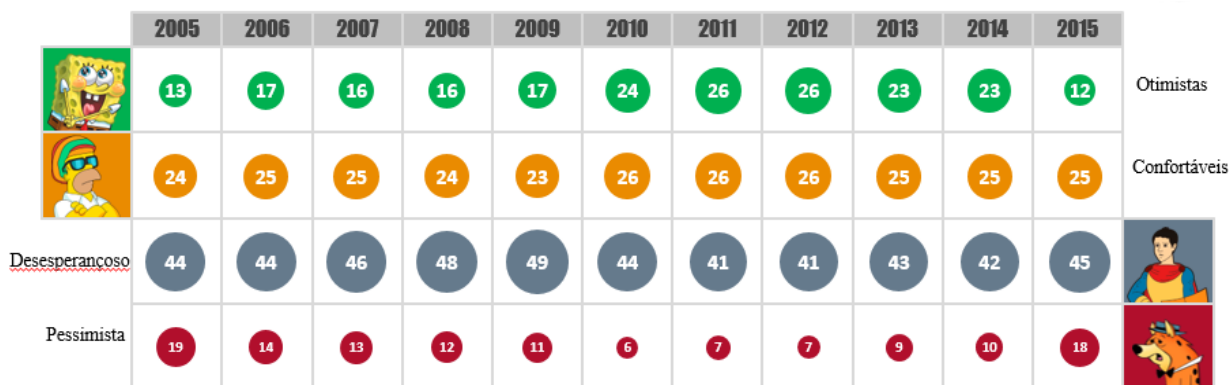


Figura 5 – Evolutivo do tamanho dos segmentos
Fonte: Ipsos Pulso Brasil, 2015.

Uma análise dos tamanhos dos segmentos ao longo dos anos ilustra um crescimento do segmento dos **otimistas** e posterior redução, até que, em 2015, o tamanho desse segmento aparece com o menor percentual dos últimos 10 anos (apenas 12%), como ilustrado na Figura 5.

Do mesmo modo, observa-se uma redução do segmento dos **pessimistas** até o ano de 2010, passando de 19% (em 2005) para 6% (em 2010), entretanto, após o ano de 2010 esse segmento volta a crescer, alcançando 18% no ano de 2015, patamar bastante parecido ao encontrado 10 anos atrás, no ano de 2005.

Esse contraste entre o segmento **otimistas** e **pessimistas** aparecerá em todas as análises, nas quais o segmento de **otimistas** possui uma avaliação bastante positiva do cenário econômico enquanto o segmento **pessimistas** é o que apresenta a visão mais pessimista do cenário. Levando a crer que existem outras variáveis externas ao modelo que influenciam esta polarização, possivelmente com viés político.

Uma leitura mais simplificada, ainda que igualmente representativa, pode ser feita a partir da agregação dos segmentos **otimistas** e **confortáveis** e dos segmentos **desesperancosos** e **pessimistas**. Esta soma mostra mais claramente que os segmentos otimistas em relação ao futuro foram crescendo em tamanho até o ano de 2011, mantiveram o mesmo percentual em 2012 (52%), porém, a partir desse período apresentaram queda, alcançando em 2015 o mesmo patamar de 2005 (37%), como ilustrado na Figura 6.

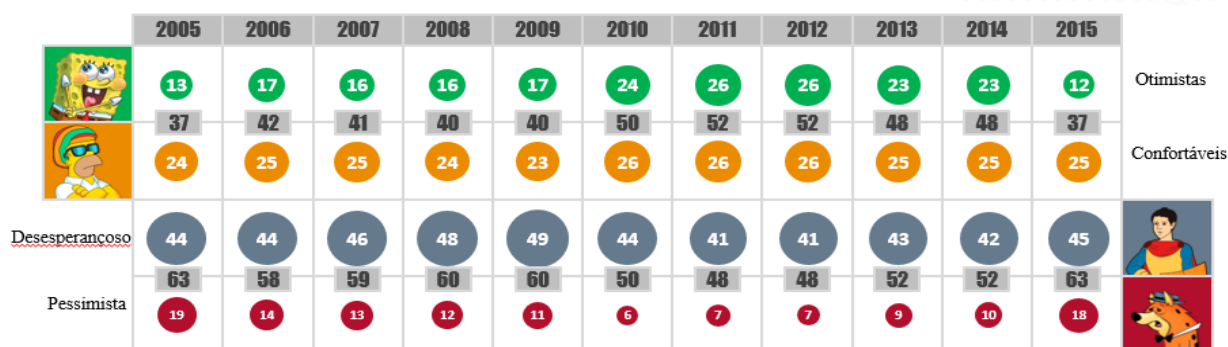


Figura 6 – Evolutivo do tamanho dos segmentos (com dados agregados)
Fonte: Ipsos Pulso Brasil, 2015.

Para ajudar a entender a variação do tamanho dos segmentos ao longo dos últimos 10 anos, a Tabela 4 traz alguns indicadores econômicos.

Tabela 4 - Indicadores Econômicos dos últimos 10 anos

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015
Dólar Comercial (R\$)	2.34	2.14	1.77	2.34	1.74	1.67	1.88	2.04	2.34	2.66	3.98
PIB	3.2%	4.0%	6.0%	5.0%	-0.2%	7.6%	3.9%	1.8%	2.7%	0.2%	-3.0%
INPC	5.1%	2.8%	5.2%	6.5%	4.1%	6.5%	6.1%	6.2%	5.6%	6.2%	7.1%
Salário Mínimo	15.4%	16.7%	8.6%	9.2%	12.0%	9.7%	6.9%	14.1%	9.0%	6.8%	8.8%
Desemprego (*5)	9.8%	10.0%	9.3%	7.9%	8.1%	6.7%	6.0%	5.5%	5.4%	4.8%	10.0%

Obs.: Dólar comercial - valor de referência do dólar foi o último dia útil de cada ano (Banco Central do Brasil); PIB - variação do PIB (IBGE); INPC - informação utilizada como referência à inflação acumulada no ano (IBGE); Salário mínimo - variação % do salário mínimo de um ano para o outro, por exemplo, 15.4% em 2005 significa que o salário mínimo sofreu um aumento de 15.4% no ano de 2005, em relação ao ano de 2004 (Portal do Governo Federal); Desemprego - percentual de pessoas não ocupadas (IBGE).

Fonte: Banco Central do Brasil, 2005-2015; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2015; Portal do Governo Federal, 2015.

Conforme mencionado, o ano de 2006 foi o ano da reeleição do Presidente Lula, foi um ano com ótimos resultados econômicos, quando mesmo os altos índices de desemprego eram relacionados à alta rotatividade do emprego em uma economia em seu furor de crescimento. Pouco se sabia, via ou discutia sobre a que custo o país estava gerando tais índices de crescimento.

Em 2008 houve o início da crise imobiliária dos Estados Unidos com a quebra do banco Lehman Brothers (15/09/2008), o que impactou diversos países ao redor do globo. O Presidente Lula chegou a declarar que a crise seria uma ‘marolinha’ para o Brasil e, apesar de diversos países estarem quebrando, o Brasil continuava reduzindo sua taxa de desemprego e aumentando o salário mínimo. Apesar de uma redução da taxa de crescimento do PIB (2008 x 2007) e de uma inflação maior que a do ano anterior, 2008 realmente não foi um ano tão complicado para o Brasil como foi para o resto do mundo. Em termos dos segmentos, podemos ver que há uma movimentação do **pessimismo** para a **desesperança**, ou seja, apesar do grupo dos **pessimistas** continuar maior que o de **otimistas**, mesmo os mais céticos começam a dar crédito à economia e à política do país.

Foi no ano de 2009 que o mundo sentiu os impactos da crise imobiliária do ano anterior. O Brasil, apesar de não ter tido crescimento do PIB (-0.2%), ainda apresentou bons indicadores (o dólar continuava baixando, uma inflação aparentemente controlada e um salário mínimo apresentando ganhos em relação à inflação. Isso foi sentido pela população e percebe-se que, 2009, foi o primeiro ano desde 2005 em que houve um aumento no segmento dos **otimistas** (passando de 16% para 17%).

O ano de 2010 foi o ano da bonança, em que o Brasil apresentou o quinto maior crescimento do PIB em relação aos países do G20, ficando atrás apenas de: Argentina, China, Índia e Turquia, além de ter apresentado o menor fechamento do dólar comercial da década.

Toda essa bonança foi traduzida na percepção da população. Observa-se uma grande redução no segmento dos **pessimistas** (11% para 6%) e um aumento do % de pessoas classificadas no segmento dos **otimistas** (17% para 24%). Além disso, pela primeira vez, desde 2005, o tamanho dos grupos de **pessimistas** não é maior que os grupos de **otimistas**, 50/50, tudo indica um ponto de inflexão na opinião da população brasileira.

Os anos de 2011, 2012 e 2013 foram os anos em que o Brasil começou a sentir não somente os efeitos da crise econômica mundial, como a pagar pelos erros da política econômica implantada. O crescimento do PIB despencou, chegando a 1.8% em 2012.

Entretanto, tal queda não teve impacto direto na percepção da população, uma vez que 2012 também foi o ano em que o salário mínimo apresentou o maior crescimento em todo o período estudado (14%)³. Não fosse tal aumento, num exercício de futurologia, poderíamos supor que os acontecimentos teriam se precipitado e, quem sabe o resultado da eleição de 2014 teria sido totalmente diferente.

Mesmo com todo o exercício fiscal para manter o nível do salário mínimo, o congelamento das contas de serviços públicos, a manutenção dos preços dos derivados do petróleo, dentre outros artifícios, a população começou a enxergar que novamente uma crise pairava no horizonte do Brasil. Entretanto, como o Brasil ainda continuava com uma redução no desemprego e inflação controlada, a percepção foi totalmente polarizada: houve tanto um aumento do segmento dos **otimistas** como do segmento dos **pessimistas**, ou seja, algumas pessoas achavam que o país realmente estava no rumo correto e outras achavam exatamente o oposto, um retrato do que seria observado nas eleições presidenciais de 2014.

Depois de 2013 a crise se instalou no Brasil e os indicadores econômicos começaram a apresentar resultados bem menos satisfatórios: dólar subindo, baixo ou nenhum crescimento do PIB, sem ganhos do salário mínimo e taxa de desemprego crescentes. Esse cenário de instabilidade também foi plenamente sentido pela população, onde se observa o segmento dos **pessimistas** triplicando de tamanho, de 6% (2010) para 18% (2015), enquanto o segmento dos **otimistas** encolhe pela metade, passando de 24% (2010) para 12% (2015).

8 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

A segmentação dos dados aplicada ao ano de 2006 mostrou quatro segmentos bastante distintos e com diferentes perspectivas em relação ao futuro do país. A classificação das entrevistas feitas nos demais anos mostrou diferenças em relação à confiança da população no rumo da economia e isso pôde ser contrastado com auxílio de outras fontes econômicas, validando a migração da confiança da população na economia. Havendo, portanto, um alinhamento entre a percepção da população em relação ao rumo do país e os dados da economia real.

Mesmo que o percentual de **pessimistas** observado em 2015 seja maior que o que tínhamos em 2006 (18% x 16%) e que o percentual de pessoas classificadas no segmento dos **otimistas** seja menor (12% x 16%), não é intenção dos autores deste artigo referendar a concepção de que os últimos 10 anos tenham sido uma década perdida.

Nos últimos 10 anos, apesar da deterioração econômica, a população e as instituições brasileiras passaram por um processo de conscientização política e aumento de censo crítico. Do lado da população as passeatas/manifestações se tornaram mais frequentes, mostrando um povo menos cordial (no sentido de acomodado) e mais vocal (no sentido de exigente). Do lado das instituições, ficaram claros os desafios de amadurecimento da democracia brasileira, o fortalecimento dos poderes, e a necessidade de reformas contundentes no âmbito político e econômico.

Crises sempre irão existir, elas vêm e vão, mas esse processo de conscientização da população veio para ficar e isso é uma grande evolução para o país, afinal o mais importante não é como se entra, mas sim como se sai de uma crise.

REFERÊNCIAS

Alfinito, S. (2009). *A influência de valores humanos e axiomas sociais na escolha do consumidor: Uma análise comparativa aplicada à educação superior* (145 f., il.). Tese (Doutorado em Psicologia Social, do Trabalho e das Organizações) - Universidade de Brasília.

Bacha, M. L. Strehlau, V. I., & Schaun, A. (2011, set./dez.). Consumidor consciente da renda baixa: Uma proposta de segmentação. *Remark-Revista Brasileira de Marketing*, 10(3), pp. 67-82, São Paulo.

Banco Central do Brasil. (2005-2015). *Dólar comercial*. Recuperado de www.bcb.gov.br

Banfiel, J. D., & Raftery A. E. (1993). Model-based Gaussian and non-Gaussian clustering. *Biometrics*, 49(3), pp. 803-821.

Barros, T. D., Ramos, T. G., & Soares de Mello, J. C. C. B. (2010). Avaliação dos atrasos em transporte aéreo com um modelo DEA. *Revista da Produção*.

Borouche, J. M., & Saporta, G. (1980). *Análise de dados*, Rio de Janeiro: Zahar.

Gonçalves, R. (2014, jan.). Balanço crítico da economia brasileira nos governos do Partido dos Trabalhadores. *Revista Soc. Bras. Economia Política*, (37), pp. 7-39, São Paulo.

González, A. M., & Bello, L. (2002). The construct “lifestyle” in market segmentation: The behaviour of tourist consumers. *European Journal of Marketing*, 36, Iss: 1/2, pp. 51-85.

Ipsos Pulso Brasil. (2015). *Pesquisa com entrevistas mensais em mais de 70 municípios em todas as regiões do Brasil*. Realização Ipsos Public Affairs, Brasil.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo*. Brasil. Recuperado de <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Desemprego*. Recuperado de <http://www.ibge.gov.br>

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2015). *INPC inflação*. Recuperado de www.ibge.gov.br

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2015). *Variação do PIB*. Recuperado de www.ibge.gov.br

Miguel, L. F., & Coutinho, A. A. (2007). A crise e suas fronteiras: Oito meses de "mensalão" nos editoriais dos jornais. *Opinião Pública*, 13(1).

Motta, S. L. S. (2009). *Estudo sobre segmentação de mercado consumidor por atitude e atributos ecológicos de produtos*. Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo.

Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD). (2005-2015). Recuperado em jan. e nov., 2016, de <http://www.ibge.gov.br/>

Portal do Governo Federal. (2015). *Variação do salário mínimo*. Recuperado de <http://www.brasil.gov.br/>

Ramos, T. G., Machado, J. C. F., & Cordeiro, B. P. V. (2015). Primary education evaluation in Brazil using big data and cluster analysis. *Procedia Computer Science*, 55, pp. 1031-1039.

Teixeira, R. A., & Pinto, E. C. (2015). A economia política dos governos FHC, Lula e Dilma: Dominância financeira, bloco no poder e desenvolvimento econômico. *Economia e Sociedade*, 21(4).

Theodoris, S., & Koutrombas, K. (1998). *Pattern recognition*. New York: Academic Press.

Zhang, J. (1996). C-curves and extension of cubic curves. *Computer Aided Geometric Design*, 13, pp. 199-217.

¹ Este trabalho foi apresentado no 7º Congresso Brasileiro de Pesquisa - Mercado, Opinião e Mídia da ABEP (realizado em abril de 2016), transformado em artigo por seus autores, submetido à PMKT e aprovado para publicação.

² Até a entrega deste artigo, o processo de *impeachment* ainda estava em andamento e, sem uma rápida melhora nas condições econômicas, seu resultado final ainda estava indeterminado.

³ Como amplamente divulgado, tal crescimento é unicamente função de uma estratégica mudança na regra de correção do salário mínimo, que passa a definir o reajuste do salário mínimo pela soma da variação do PIB de 2 anos anteriores e do índice de inflação INPC. Como o ano de 2010 tinha sido um ano de crescimento de PIB bastante grande (7.6%), o ganho do salário mínimo foi bastante grande.